

INDÚSTRIAS EM MATO GROSSO

Major GERALDO FIGUEIREDO DE CASTRO

A — INTRODUÇÃO

Apesar do pequeno desenvolvimento industrial do Estado de MT, que se pode constatar somente com a citação de que para um total de Cr\$ 8.153.000.000,00 de renda interna, a agricultura contribuiu com Cr\$ 4.490.400.000,00 e a indústria com Cr\$ 676.300.000,00, podemos, observando-se as estatísticas referentes aos anos anteriores, concluir estar havendo um acréscimo significativo.

Por outro lado é preciso não se perder o senso das proporções ao se estudar este aspecto, bastando, para colocá-lo no devido lugar, citar que Mato Grosso contribuiu para a Renda Nacional em 1956 com Cr\$ 8.153.100.000,00, que corresponde a pouco mais de 1% da Renda Nacional.

Outro aspecto interessante a ressaltar é que na comparação entre as rendas *per capita* dos estados brasileiros Mato Grosso ocupa o 4º lugar, com um valor de Cr\$ 13.603,00; tendo somente à sua frente Distrito Federal, São Paulo e Rio Grande do Sul. Entretanto comparando-se os dados de 1947 com os de 1956 comprova-se que o acréscimo de Mato Grosso foi o maior observado entre todos os Estados, no mesmo período citado, pois aumentou a renda *per capita* de Cr\$ 2.292,00 em 1947 para a Cr\$ 13.703,00 em 1956, o que equivale dizer aumentou 6 vezes. São Paulo e o Brasil no mesmo período só aumentaram pouco mais de 4 vezes.

B — DESENVOLVIMENTO

I — INDÚSTRIAS EXTRATIVAS

00 — *Indústrias extrativas de produtos minerais*

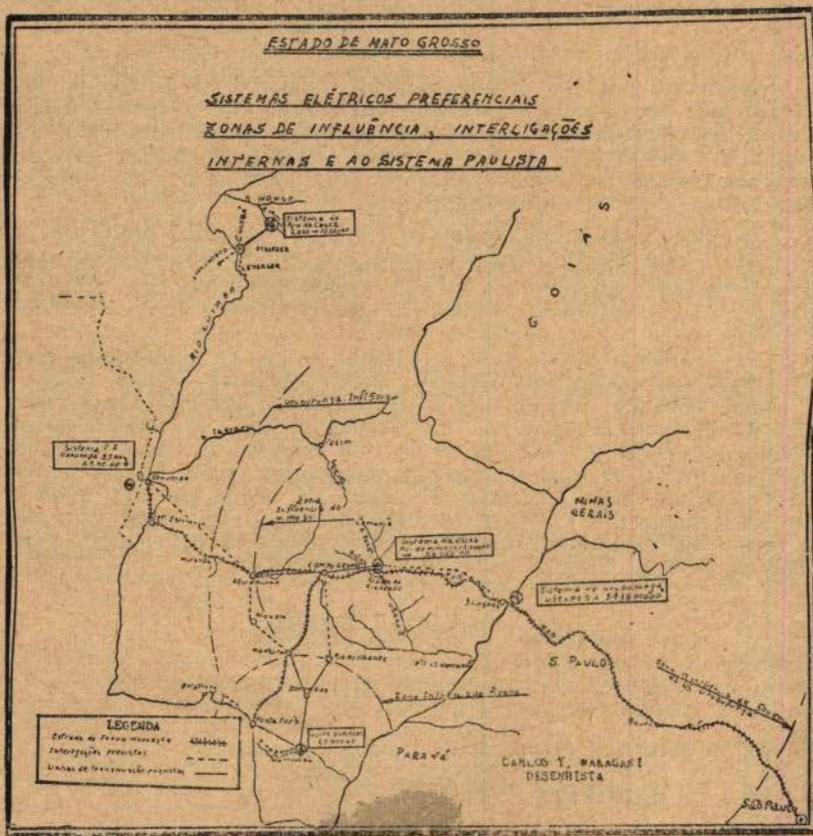
00.1 — MANGANÊS

As jazidas de manganês, no município de CORUMBÁ, constituem parte de uma série geológica, que, partindo das margens do PARAGUAI e após um largo semicírculo, entram em território boliviano. No território brasileiro, recebem nomes locais, são as jazidas de PIRAPUTANGAS — URUCUM — MORRO GRANDE — SANTA BRANCA — JACADIGO. Em território boliviano, no mesmo horizonte geológico, JACADICO e MUTUM. JACADICO era um morro da fronteira, não totalmente nacional, pois, sobre essa região, havia uma questão de limites, com a BOLÍVIA. O marco-limite, reconhecido pelos dois países, há quase 50 anos, foi contestado pelo nosso vizinho, por julgar que está deslocado em 500 metros.

Admite-se a existência de outras jazidas no Estado, notadamente nas regiões do XINGU e de ARIPUANÁ. Recentemente ali se fizeram diversas pesquisas, tendo sido recolhidas amostras de pirolusita, de alto teor manganífero.

Atualmente o Governo do Estado de Mato Grosso mantém um contrato com a SOBRAMIL, assinado em CUIABÁ a 10 de dezembro de 1953.

Neste contrato o Estado receberia 3% sobre o preço do minério pôsto no Atlântico Sul, até 250 mil toneladas e acima dessa quantidade receberia 3,5%; o preço do manganês nunca seria inferior a Cr\$ 15,00 por tonelada.



O Estado de Mato Grosso receberia em adiantamento, até 60 dias após a averbação do contrato, dez milhões de cruzeiros, que, somados a igual quantia já recebida, completariam 20 milhões, como "advance roy alty".

Para amortização desse adiantamento, far-se-ia desconto de 30% do valor de cada embarque de manganês. A arrendatária se obrigava a retirar o mínimo de 50.000 toneladas anuais e pagaria a importância correspondente a esta quantidade, mesmo no caso de não extrai-la e não exportá-la.

A empresa se obrigava a aplicar, na região do município de Corumbá, 20% de seus lucros líquidos, de acordo com o plano a ser apresentado e previamente aprovado pelo governo do Estado.

O prazo de arrendamento será de 50 anos e poderá ser renovado com a revisão das percentagens atualmente estipuladas em favor do Estado. A SOBRAMIL está associada à UNITED STATES STEEL desde 1949.

A SOBRAMIL anunciou para fevereiro de 1958 o início da exportação do minério, com 6 chatas e depois com mais 5. No meio do ano de 1958 a Cia recebeu as 6 chatas. Espera conseguir, até o fim do ano, o total de 50.000 toneladas. Essa quantidade será mantida até 1962, ano em que elevará o total para 250.000 toneladas. Face às restrições do contrato, bem como às de importação dos EUA, não acredita a Cia possa ultrapassar essas 250.000 toneladas.

00.2 — MINÉRIOS DE FERRO

Há ocorrência do minério de ferro em todo o Mato Grosso.

Em Corumbá ocorre em justaposição ao manganês. A quantidade é grande e o minério é de alto teor.

A produção do minério de ferro de Mato Grosso em 1956, foi de 17.594 toneladas (0,43% da do Brasil) no valor de Cr\$ 4.399.000,00 (0,23% da produção de minério de ferro do Brasil).

01 — Indústria extrativas de produtos vegetais.

01.1 — POAIA (IPECA)

A ipeca, outrora abundante, atingindo o município de Cáceres, está hoje circunscrita a áreas mais interiores, muito distantes dos rios e de quaisquer outros meios de transporte, devido à exploração abusiva e imprevidente e ao agente da destruição, o fogo.

As dificuldades de coleta desta planta que se torna rara, as tremendas dificuldades de transporte, tornam esta atividade uma das mais penosas de quantas existem no Brasil.

Em 1953 apresentou a produção de 48 toneladas com o valor de Cr\$ 10.734.000,00, reduzida em 1955 para 34 toneladas com o valor de Cr\$ 8.875.000,00. É de se notar o alto custo dos transportes que dos centros de coleta até Barra do Bugres é de Cr\$ 200,00, daí até Cáceres é de Cr\$ 500,00 a tonelada e dessa cidade até Rio e São Paulo o custo do transporte da tonelada varia de Cr\$ 8.000,00 a Cr\$ 10.000,00. O custo total da extração por quilo é de Cr\$ 130,00, inclusive o transporte, e o seu preço em Cáceres é Cr\$ 300,00.

A sua produção em 1956 foi de 25 toneladas no valor de Cr\$ 11.782.000,00, correspondendo em valor a 93% do total de ipeca produzido no Brasil.

01.2 — O BABAÇÚ

Em Mato Grosso ocorre em uma faixa que vai de ROSÁRIO Oeste até Ponte de Pedra, distrito de POXOREÚ, incluindo os municípios que estão compreendidos entre os paralelos 15° e 16° e os meridianos 56° e 54°.

Apesar de ter o babaçú uma grande área de ocorrência em Mato Grosso, pouco tem contribuído para a sua prosperidade e para a fixação do Homem. Permanece ainda como riqueza potencial, constituindo mesmo

paradoxalmente uma praga para os lavradores cujas terras de mata, após a derrubada, são invadidas totalmente pela palmeira.

Há necessidade imperiosa da industrialização do coquilho, produto natural inexaurível, que produz um carvão de alto poder calorífico.

Com isto se evitará a devastação de grandes reservas florestais, transformadas em carvão vegetal de baixo poder calorífico. Falou-se no aproveitamento desse coquilho para a produção do gás-metano, que, em valor térmico e econômico, é um dos combustíveis mais importantes. Sugeriu-se a montagem de uma pequena usina geradora desse gás (metano), em CUIABÁ, por exemplo, com capacidade para 10.000 m³ diários, equivalendo, ao rendimento mecânico prático de 40.000 HP, em lugar de ser utilizada como energia térmica em potencial mecânico poderia ser empregada como fonte de calor para fins domésticos, fornecendo gás para o abastecimento de 10.000 domicílios.

01.3 — ERVA MATE

A indústria ervateira local marcha na retagurada, notando-se um desalento no seio da população ervateira.

Até 1949 a produção vinha aumentando, mas em 1950 sofreu decréscimo.

O desmatamento dos ervais nativos sem orientação técnica tem causado muitas vezes a morte do lenho da planta e o desaparecimento do erval. Ao lado dista a colheita ou poda excessiva, que de modo geral é feita na região, tem sacrificado demasiadamente a espécie cuja restauração, após a colheita, torna-se cada vez mais demorada.

Assim sendo, cumpre que se examine, imediatamente, a situação da indústria ervateira em Mato Grosso, a qual está a reclamar mais raciocínio, mais técnica e menos esforço inútil, para salvaguarda de uma riqueza nativa apreciável.

Em 1955 — Produção 7.716.00 kg no valor de Cr\$ 32.981.000,00, concentrada nos municípios de PONTA PORÁ, AMAMBAÍ e RIO BRILHANTE.

Em 1956 — Produção de 8.585 toneladas no valor de Cr\$ 54.189.000,00, o que correspondeu um valor a 13,4%, é em quantidade a pouco menos de 12% do total de erva-mate produzido no Brasil no mesmo ano.

Em 1957 foram despachados pela EFNOB 7.468 toneladas de erva-mate para Pôrto Esperança, que foram escoados daí para o exterior, via fluvial. Por via fluvial, Rio Amambaí, escoou-se menor quantidade.

01.4 — BORRACHA

Em Mato Grosso, a região compreendida a Oeste pelo Madeira, ao Norte pelos limites com AMAZONAS e PARÁ, pelo RIO ARAGUAIA, até o curso médio do RIO DAS MORTES e ao Sul pelo paralelo de 15°, é coberta de seringais.

Existem 2 zonas de exploração de borracha: a primeira ligando-se ao AMAZONAS e dela fazendo parte o município de MATO GROSSO, ARIPUANÁ, que está mais ligado a MANAUS e a segunda ligando-se a CUIABÁ, e a SÃO PAULO. O tipo "sernambi-cocho", depois de beneficiado na Usina do BCA em CUIABÁ, tem alta cotação no mercado por sua alta qualidade, devido à grande elasticidade. Melhores processos de exploração em uso na região permitiram aumentar a produção, por permitir dobrar-se o número de sangrias nos seringais por safra, que passaram de 50 para 90 e 100 cortes.

A Fazenda Shangri-la em CUIABÁ contribui com cêrca de 1/5 da produção de borracha do Estado.

Houve em 1951, tentativa de plantaçãõ racional da borracha, com um total de 6.000 mudas, e com pleno êxito, provocando medidas de financiamento para plantio racional da hévea pelo prazo de 10 anos pelo BAC.

Produçãõ de 1955 : 1.019.000 kg num valor de Cr\$ 32.716.000,00.

Produçãõ de 1956 : 803 toneladas no valor de Cr\$ 28.648.000,00, que correspondeu em valor a cêrca de 2,3% da produçãõ do Brasil.

01.5 — QUEBRACHO

Explorado há muito anos no Brasil não possui, entretanto, grande importância na economia do país.

No Brasil predomina nos quebrachais o "quebracho macho", que, embora possuidor de tronco mais volumoso, tem menor rendimento.

Duas companhias exploram a indústria do tanino em Mato Grosso : a Florestal Brasileira S.A., possuidora de 118 mil hectares de terras de quebrachais, com sede em PÓRTO MURTINHO e a "QUEBRACHO Brasil S.A.", cuja sede fica 24 km ao Sul daquela cidade.

A Florestal tem uma produçãõ diária de 20 toneladas, com cêrca de 200 empregados na fábrica e 400 nos quebrachais.

A "Quebracho S.A." produz 12 toneladas diárias.

Sõmente a "Florestal Brasileira S.A." possui uma reserva de matas de quebracho, com madeiras de mais de 300 kg, que no ritmo atual de produçãõ dará para mais de 40 anos.

A produçãõ se destina aos mercados do Rio e São Paulo, ao preço de Cr\$ 15,00 o quilo na Fábrica. O escoamento é feito por via fluvial até PÓRTO ESPERANÇA e daí para São Paulo pela EFNOB.

A Usina da Florestal é bem instalada e capaz de um rendimento bem maior que o atual. Dispõe de uma ferrovia com bitola de 75 cm e com extensãõ de 22 km para transporte até a usina, do quebracho.

II — INDÚSTRIA DE TRANSFORMAÇÃO

10 — Indústria de transformação de minerais não metálicos

10.1 — INDÚSTRIA DO CIMENTO

A capacidade de produçãõ da CIA DE CIMENTO PORTLAND DE CORUMBÁ (TTAU) é de 5.000 sacos diários. Não pode utilizar tãda capacidade de produçãõ, e sim, 60% dela. Para alcançar a média de produçãõ mensal diária de 3.000 sacos, trabalha cêrca de 18 dias, não consecutivos.

Com a simples instalaçãõ de um forno, a produçãõ diária poderá ser duplicada (10.000 sacos diários), pois tãda as demais instalações foram previstas para a produçãõ de 10.000 sacos.

As razões que dificultam a sua ampliaçãõ sãõ :

- falta de mercado consumidor, na regiãõ ou no estado e os transportes, já por si deficientes, que não permitem um maior escoamento, para fora dêle. A EFNOB tem, mediante contrato, obrigatãriamente de transportar cêrca de 10 vagões diários, só de cimento : já foi obrigada a enviar vagões vazios para CORUMBÁ.

As dificuldades de exportação com os países limítrofes :

Com a BOLÍVIA, por não ter sido ainda aprovado o convênio comercial, no qual o pagamento será feito em cruzeiros ao invés de dólares. Com o PARAGUAI, embora haja exportação o transporte fluvial é deficiente.

Outros lados de interesse sobre a CIA :

- A Cia dispõe de uma central termelétrica, com a produção de 2.000 kw/hora ;
- O consumo diário de óleo combustível é de 50 toneladas. Esse combustível é empregado no forno de cimento e na usina de eletricidade ;
- O gêsso que utiliza (cerca de metade do total da produção) vem de uma usina da CIA, em PERNAMBUCO ;
- O capital da CIA é de 160 milhões de cruzeiros, de acionistas brasileiros, sendo maior acionista (mais de 50%) a CIA CIMENTO PORTLAND ITAU ;

A produção de cimento de Mato Grosso em 1956, correspondeu em valor e em tonelagem a cerca de 1,2% da produção de cimento do Brasil e em 1957, a 1,4% da mesma.

— Em 1957, segundo informações obtidas por meio da EFNOB, despachou 47.622 toneladas assim distribuídas:

Pela EFNOB para Estado de São Paulo	24.411 ton
Pela EFNOB para Estado de Mato Grosso	9.310 ton
Pela EF Brasil-Bolívia — para Bolívia	3.151 ton
Por via Fluvial para Cuiabá, Cáceres e Poconé ...	2.430 ton
Por via Fluvial para Paraguai	2.100 ton
Por caminhos para Corumbá e Ladário	6.220 ton

11 — Indústrias metalúrgicas

11.1 — SIDERURGIA

Usa o minério de ferro do município de CORUMBÁ, que ocorre juntamente com o minério de manganês, nas jazidas de URUCUM.

Carvão em Mato Grosso — possibilidades.

Há carvão em Mato Grosso na região de CACERES, POCONÉ e na SERRA DA BODOQUENA. Entretanto, há necessidade de estudos mais apurados para verificar se o carvão é em quantidade suficiente e de boa qualidade para seu emprego em alto forno. No momento é destituída de fundamento qualquer afirmação a respeito.

A SIDERURGIA a carvão de madeira é sempre deficiente quando não se dispõe de matas apropriadas e só pode ser fundamentada num reflorestamento nem sempre oportuno.

A SOCIEDADE BRASILEIRA DE SIDERURGIA de Corumbá funciona com alto forno a carvão de madeira. Sua produção atual é de 50 toneladas diárias de ferro gusa, vendidas diretamente para SÃO PAULO. Tem necessidade de cerca de 45 toneladas diárias de carvão. Executa um reflorestamento nas áreas desmatadas à base de eucalipto.

A SOCIEDADE BRASILEIRA DE SIDERURGIA estuda no momento sua ampliação com instalações de um alto forno de capacidade diária

de 300 toneladas. Esta ampliação depende da SOBRAMIM transportar carvão no retorno de suas viagens em que levará minério de manganês.

Coque de babaçu — possibilidades e limitações.

Uma Comissão, da Produção de Mato Grosso, aventou a idéia de utilizar o babaçu para transformá-lo em coque. Tecnicamente é possível, entretanto parece que, economicamente, não é viável.

O gusa produzido durante o ano de 1957, foi de 11.908.785 Kg e o gusa despachado durante o ano de 1957 (pêso líquido), foi de 13.570.000 quilos (dado obtido mediante pedido a EFNOB).

A produção de gusa de 1956 correspondeu a pouco mais de 0,9% do total de gusa produzido no Brasil

INDÚSTRIA METALÚRGICA

FERRO GUSA PRODUZIDO EM MATO GROSSO

QUANTIDADE EM TONELADAS				VALOR (Cr\$ 1.000,00)			
1954	1955	1956	1957 (1º Sem)	1954	1955	1956	1957
9296	8567	10656	7844	9296	8567	22968	18039

12 — Indústria mecânica

A Produção em Mato Grosso em 1956, foi Cr\$ 170.000,00, o que é reduzidíssimo em comparação com o valor desta indústria em 1956, no Brasil: Cr\$ 7.170.064.000,00, o que é inferior a 0,1%.

13 — Indústria de material elétrico e do material de comunicações

Esta indústria só começou a aparecer nos quadros da produção industrial de Mato Grosso no ano de 1956, e com o valor irrisório de Cr\$ 70.000,00. Este total se reduzirá ainda mais se comparado com o total da produção do Brasil neste ramo em 1956, que foi de Cr\$ 12.124.368.000,00.

14 — Indústria de construção e montagem de material de transporte

O seu valor da produção em 1956, foi no Estado de Mato Grosso de Cr\$ 6.056.000,00, e no Brasil, no mesmo ano, de Cr\$ 10.083.057.000,00, o que corresponde para Mato Grosso a 0,6% do total do Brasil.

Podemos citar neste ramo as oficinas da EFNOB em TRÊS LAGOAS a AQUIDAUANA e o Arsenal de Marinha da Base Naval de Ladário, como as mais importantes instalações.

15 — Indústria de madeira

Este ramo de indústria já está bem desenvolvido no Estado. Está na sua maior parte concentrado nas localidades abaixo descritas com a sua respectiva produção: em 1957 (dado obtido da EFNOB):

SETE VOLTAS — Toras 100 unidades com 240.000 quilos, e madeira serrada despachada: 78 vagões com 186.400 quilos;

ITAHUM — Toras 2.801 unidades com 4.809.000 quilos, e madeira serrada: 22 vagões com 5.327.616 quilos;

SANTA VIRGÍNIA — Toras 675 unidades com 1.447.000 quilos ;

GENERAL RONDON — Toras 69 unidades com 136.000 quilos.

O valor desta produção em Mato Grosso em 1956, foi de
Cr\$ 57.546.000,00 e correspondeu a 1,5% desta indústria no país.

16 — Indústria do mobiliário

A produção de Mato Grosso foi em 1956, de Cr\$ 9.395.000,00 e correspondeu a 0,18% do valor desta produção no Brasil.

17 — Indústria do papel e do papelão

Muito incipiente no Estado e só começou a aparecer nas estatísticas em 1956, com um total irrisório de Cr\$ 54.000,00.

18 — Indústria da borracha

Também aparece pela primeira vez nos quadros da produção de Mato Grosso em 1956, com o total de Cr\$ 150.000,00.

19 — Indústria de couros e peles e produtos similares

Nesta classificação é digno de ser assinalado o cortume de CUIABÁ que parece ser o único existente em MATO GROSSO que usando casca de Angico em vez de tanino, tem preparado boa qualidade de couros, e alguns tipos de peles para um pequeno consumo local.

Fala-se de um consórcio alemão que está em vias da instalação de um cortume em CORUMBÁ, com a utilização do tanino de PÔRTO MUR-TINHO para as peles e couros daquela região. O valor dessa produção em Mato Grosso em 1956, foi de Cr\$ 5.169.000,00 e correspondeu a 0,11% do total dessa indústria em 1956 no Brasil.

21 — Indústrias químicas e farmacêuticas

Como a indústria química é de grande importância é de assinalar que se acha votado pelo Congresso e sancionado pelo Presidente da República um crédito de 400 milhões de cruzeiros para instalação de uma refinaria em CORUMBÁ com capacidade de 5.000 barris diários.

A indústria farmacêutica apresentava em dezembro de 1949, 12 tipos de indústria químico-farmacêutica, empregando 250 operários, e com uma produção anual no valor de Cr\$ 35.700.000,00.

Cabe aqui citar a produção de tanino abtido do quebracho no município de Pôrto Murтинho.

O valor total da produção da indústria química em Mato Grosso foi em 1956 de Cr\$ 56.455.000,00, que corresponde a 0,13% do total do Brasil.

21 — Indústria Têxtil

Aparece pela primeira vez no quadro da produção de Mato Grosso com o total de Cr\$ 70.000,00 inteiramente sem expressão, se comparado com o total do Brasil.

22 — Indústrias do vestuário, calçados e artefatos

A sua produção em Mato Grosso em 1956, foi de Cr\$ 23.355.000,00, que comparado com o total do valor da produção dessa indústria no Brasil, que foi de Cr\$ 11.080.546.000,00, corresponde a 0,21%.

23 — *Indústrias de produtos alimentares*

Existe em Corumbá o MOINHO MATOGROSSENSE S/A cuja capacidade de produção é de 65 toneladas diárias (75% de farinha de trigo e 25% de farelo).

Não pode utilizar tôda capacidade de produção e, sim cêrca de 30% dela. Trabalha cêrca de 20 dias por mês, para a elaboração de 20 toneladas, média dos 6 primeiros meses do ano de 1958, agora aumentada. Não tem possibilidade de ampliação. As instalações foram encomendadas para 65 toneladas, entretanto, está longe de atingir sua plena capacidade de produção. Não sente o moinho necessidade por falta de mercado consumidor na região e não dispor de transportes para fora do Estado.

Para poder aumentar a quantidade de trigo processada, a Cia. já instalou uma fábrica de macarrão com a capacidade de produzir 3 toneladas diárias. Nos 2 meses de funcionamento, teve a média de 1 tonelada diária.

O MOINHO só processa trigo estrangeiro, argentino ou uruguaio. A quota do trigo nacional, não é utilizada, pela oneração acarretada pelos transportes.

Espera o MOINHO introduzir a plantação do trigo no Estado, particularmente nas serras ao norte de CUIABÁ e na região de DOURADOS. É a firma constituída com capitais locais, de sírios ou brasileiros de ascendência síria.

Possui gerador próprio, termelétrico com capacidade para 360 kw ou 440 HP. Entretanto, face ao apêlo da CIA ELETRICIDADE, consome maior quantidade de energia da rêde local com uma média de 19.000 kw/h.

23.2 — INDÚSTRIA AÇUCAREIRA

O Estado apresenta ótimas possibilidades de desenvolver a indústria açucareira, pela existência de ótimos mercados, solo de muita fertilidade e propício ao plantio da cana-de-açúcar. No futuro será possível abastecer PARAGUAI e BOLÍVIA com seu produtos, álcool, açúcar, uma vez que estes países se abastecem em CUBA.

É necessário providenciar-se o seu aproveitamento industrial integral, utilizando-se inclusive os melaços de baixo teor que, atualmente, são jogados ao Rio Cuiabá.

Em 1950, segundo o Instituto de Açúcar e do Alcool, dispunha de 10 usinas, nove em funcionamento e 7 engenhos turbinadores fabricando açúcar bruto. Municípios produtores: Cáceres, Santo Antônio do Leverger, Miranda, Nossa Senhora do Livramento, Rosário Oeste e Ponta Porã.

Por outro lado, o álcool será indispensável à elaboração da mistura carburante, na usina ou refinaria de petróleo que terá de ser montada em CORUMBÁ. E com relação ao álcool é velha a arraigada convicção de muitos entendidos e técnicos que, quando conveniências internacionais não se fizerem sentir contra o álcool-motor, será êle o combustível de maior futuro.

Na sistematização das energias matogrossenses, a retomada da indústria açucareira, sob novas bases técnicas, deve ser uma das primeiras preocupações, dada a sua existência semi-secular, à excelência do meio ecológico e a situação ou melhor, a posição geográfica do grande Estado central e fronteiriço, distante dos centros açucareiros do país.

A cultura de cana-de-açúcar permite, onde a sua indústria realmente existe, dentro da formação de um ambiente açucareiro, a formação da pequena propriedade, fornecedora da matéria-prima e gêneros alimentícios, uma das modalidades de combater a grande propriedade sem produzi-

vidade, que é uma das formas do empobrecimento matogrossense. É também uma das maneiras de promover o nucleamento das populações esparsas, de combater o isolamento do homem rural brasileiro, fixando-o ao meio agroindustrial, colocando-se-lhe ao alcance benéfico perspectivas que o isolamento não lhe pode proporcionar.

23.4 — XARQUEADAS E MATADOUROS

Em 1950 foi fundado o Matadouro Industrial de Campo Grande. Era o passo inicial para a independência econômica de Mato Grosso no domínio da pecuária, pois que o Estado iniciava, como esse estabelecimento, a competição econômica num estágio mais adiantado, com o aproveitamento do couro, do sêbo e de outros subprodutos, ao invés de prosseguir na rotina de vender boi magro para os invernistas de São Paulo.

Opera atualmente o estabelecimento com um capital de 100 milhões de cruzeiros. A firma está construindo amplas câmaras frigoríficas, adquirindo vagões frigoríficos e projetando a construção, na capital do Estado de São Paulo, de um entreposto de carne, que será um dos maiores da América do Sul.

Uma vez inauguradas as câmaras frias, o matadouro poderá abater 500 bovinos e 200 suínos por dia, e manter uma estocagem de 2.500.000 kg de carne.

O matadouro reúne atividades de cerca de 300 criadores e visa, primordialmente, a forçar um nível mais alto para o progresso industrial de Mato Grosso.

No Município de Corumbá, em RABICHO e OTILIA, há um abate de em média 5.000 reses nestes últimos anos, destinando-se ao preparo de xarque. Esperam abater em 1958 da ordem de 7.000 cada uma. Dependendo do preço do xarque poderão ampliar a mais de 10.000 reses por safra.

Em CÁCERES existem 2 xarqueadas importantes, a Descalvados e a Barranco Vermelho, que em 1949 produziram 1.362.355 kg, com o valor de Cr\$ 15.794.600,60.

Em 1955 a produção de xarque de POCONE e CÁCERES foi de 1.221.466 kg num valor total de Cr\$ 35.050.580,00. Municípios produtores: Campo Grande, Aquidauana, Rosário Oeste, Cáceres. A produção da Cooperativa Aquidauana de Carnes está em franca progressão.

23.5 — INDÚSTRIA DE LATICÍNIOS

Muito incipiente em Mato Grosso.

23.6 — CONCLUSÃO PARCIAL

O valor da produção industrial da Indústria de Produtos alimentares em 1956 em Mato Grosso foi de Cr\$ 631.692.000,00, que correspondeu a quase 54% do total da produção industrial do Estado. O total dessa produção de Mato Grosso corresponde a quase 1% do total da mesma no Brasil.

24 — INDÚSTRIAS DE BEBIDAS

A indústria de bebidas acha-se bem desenvolvida no Estado, apresentando um total de 76 estabelecimentos espalhados por todo o território. Desta entretanto, 34 ocupam mais de 5 operários, e o restante menos de 5. As destilarias existentes, vulgarmente conhecidas por alambiques, são empregadas no fabrico de aguardente e álcool. Há diversos estabelecimentos deste gênero conhecidos como indústria de bebidas e que se acham incluídos nos números já citados. O valor dessa produção no Estado, Cr\$ 50.971.000,00 em 1956, correspondeu a 0,55% da do Brasil.

25 — INDÚSTRIA DE FUMO

Nenhuma notícia há no Estado, digna de destaque a esse ramo de indústria. Entretanto, acham-se registrados no IBGE cerca de 15 estabelecimentos com menos de 5 operários. Apresentou uma produção em 1956 de Cr\$ 691.000,00, correspondeu a 0,014% da do Brasil.

26 — INDÚSTRIAS EDITORIAIS e GRÁFICAS

É uma indústria de relativa importância e já se encontrando bem desenvolvida no Estado, apresentando um total de 18 estabelecimentos, sendo que metade apresenta mais de 5 pessoas ocupadas em seus serviços. O valor da sua produção em Mato Grosso, em 1956, foi de Cr\$ 7.425.000,00, que correspondeu a 0,11% do total dessa indústria no Brasil.

27 — INDÚSTRIAS DIVERSAS

Vários são os ramos de pequenas indústrias que se enquadram no título acima, havendo mais de 5 pessoas empregadas em seus serviços. O valor dessa produção em Mato Grosso em 1956 foi de Cr\$ 37.565.000,00, que correspondeu a 0,58% do total dessa indústria no Brasil.

30 — CONSTRUÇÃO CIVIL

É uma indústria de grande importância para o Estado e que concorre consideravelmente para a instalação da população existente.

Pode-se mesmo considerar o seu desenvolvimento em face do vulto da população existente. Encontramos já registrados 6 estabelecimentos, que com mais de 5 operários se empenham no desenvolvimento dessa indústria.

Cooperou para o total da renda industrial de Mato Grosso em 1956 com o valor de Cr\$ 15.853.000,00.

40 — SERVIÇOS INDUSTRIAIS DE UTILIDADES PÚBLICAS

É grande a variedade industrial, que de certo modo interessam ao Serviço Público, apresentando em Mato Grosso 32 estabelecimentos, sendo que 13 possuem mais de 5 pessoas trabalhando. O valor dessa produção em 1956, no Estado, foi de Cr\$ 18.085.000,00.

C. CONCLUSÕES

1.1 — O valor da produção das indústrias extrativas de produtos minerais e das indústrias da madeira que vinha num crescendo interessante, sofreu em 1956 uma queda da qual não podemos indicar as razões, pois os dados estatísticos deste ano ainda estão incompletos.

1.2 — Houve no valor da produção das indústrias extrativas vegetais uma queda de cerca de Cr\$ 16.000.000,00 de 1953 em relação a 1952. Pudemos constatar ter havido acréscimo no total do pessoal empregado, entretanto não houve o acréscimo correspondente no total das despesas com pessoal. Acreditamos tal decréscimo tendo sido ocasionado pela menor produção extrativa, uma vez que pelo manuseio dos dados referentes a estes anos, notamos que as despesas de consumo das matérias-primas caíram de Cr\$ 34.295.000,00 em 1952 para Cr\$ 22.177.000,00 em 1953.

Em 1956 o valor desta produção corespondeu a pouco mais de 11% do total de tôda a produção industrial do Estado.

1.3 — A transformação de minerais não metálicos vem aumentando segura e firmemente. Acreditamos esteja influenciando o início da produção de cimento no Estado com um total de 3.265 toneladas em 1955 e de 39.063 toneladas em 1956.

1.4 — O valor da produção metalúrgica começou a ter expressão numérica nos quadros a partir de 1955. Acreditamos esteja influenciando a produção de guza em CORUMBÁ.

1.5 — As indústrias mecânicas de material elétrico e de material de comunicações, de papel e papelão, da borracha e do fumo começaram, só em 1956, a ter expressão numérica nos quadros de produção do Estado, ainda com um valor muito reduzido.

1.6 — O valor da produção das indústrias de construção e montagem de material de transporte, deixou nos anos de 1953 e 1954 de ser expressos nos quadros, porque houve diminuição do número de estabelecimentos que eram de 4 em 1952, passou a 2 em 1953 e a 1 em 1954, só voltando a 4 em 1955, quando voltou a apresentar bom valor de produção.

1.7 — O valor da produção da indústria do mobiliário sofreu queda em 1955, porque houve redução no total de estabelecimentos de 14 em 1954, para 8 em 1955, com a conseqüente redução do pessoal empregado.

1.8 — A indústria de couros, peles e produtos similares sofreu queda no ano de 1954, deixando de apresentar valor numérico no quadro, porque houve redução no número de estabelecimentos, que eram 4 em 1953, caiu para 2 em 1954, voltando a 3 em 1955, com um bom total de produção.

1.9 — A indústria química e farmacêutica sofreu queda acentuada no seu valor de produção em 1954, porque houve redução no número de estabelecimentos, que eram de 7 em 1953, caiu para 5 em 1954 e subiu para 8 em 1955. O número total do pessoal era de 447 homens em 1953, caiu para 52 em 1954 e subiu para 484 em 1955.

Essas alterações explicam a queda observada.

1.10 — Avulta o valor da produção da indústria de produtos alimentares que corespondeu em 1956, a quase 54% do total da produção industrial do Estado.

2 — Apresentamos abaixo os 7 municípios de maior renda industrial do Estado, com os respectivos valores em 1956:

	Cr\$
1) Campo Grande	307.000.000,00
2) Corumbá	173.000.000,00
3) Aquidauana	112.000.000,00
4) Ponta Porã	66.022.000,00
5) Vargea Grande	61.185.000,00
6) Cuiabá	59.043.000,00
7) Pôrto Murtinho	51.862.000,00
Total	830.112.000,00

O valor da produção industrial de Campo Grande correspondeu a 24,5% sobre o total do Estado de Mato Grosso, que foi de Cr\$ 1.256.287.000,00, em 1956.

Observamos que o valor total da produção dos 7 municípios acima citados quase atinge a 2/3 da produção do Estado, cabendo aos restantes 52 municípios uma contribuição, para o valor da produção industrial, de pouco mais de 1/3 do total do Estado. Por outro lado, a produção industrial do município de Campo Grande, Cr\$ 307.000.000,00, fica com uma diferença de pouco mais de Cr\$ 100.000.000,00 para igualar o total dos 52 municípios restantes (Cr\$ 426.175.000,00).

Pode-se observar também, que o município de Corumbá está caminhando gradativamente para uma transformação de sua base econômica da pecuária para a indústria de transformação.

CAMPO GRANDE é uma das maiores cidades do Estado e possui várias fábricas importantes. Tão logo seja servida por energia elétrica abundante e barata, o que se espera aconteça com o aproveitamento das quedas do Mimoso no Rio Pardo, atrairá indústrias de São Paulo, não só porque o desenvolvimento do sul do Estado já comporta iniciativas de vulto, como também pela tentadora proximidade de dois grandes países consumidores: Bolívia e Paraguai. Para estes dois países dirigem-se os ramais da NOB para Corumbá e Ponta Porã, como a apontar o caminho da expansão futura. A instalação de indústrias em Campo Grande descongestionará o Parque Industrial de São Paulo, evitará o demorado e custoso transporte, contribuindo para estender a auto-suficiência do Estado a alguns ramos da indústria.

3 — Pelo que podemos verificar pela simples leitura das páginas anteriores, Mato Grosso tem reduzida expressão industrial, face ao Brasil.

D. POSSIBILIDADES FUTURAS

1. Entre um dos fatores mais importantes para instalação de novas indústrias devemos dar realce ao investimento de capitais, por grande necessidade para a implantação de indústrias no Estado de Mato Grosso. Acresce a isto tornar-se necessário antes investir capitais na instalação das fontes de energia elétrica, para obtê-la abundante e barata e assim possibilitar o advento da era industrial no Estado. As usinas, hidro e termelétricas, aquelas mais do que estas, exigem grande investimento de capitais.

Segundo Roberto de Oliveira Campos, o Brasil está classificado em 3 áreas, uma de rendimentos altos, área A, formada pelo DF, S. Paulo, Paraná e RG do Sul, outra de renda média, área B, RJ, SC, ES, MG e MT e a 3ª, área C, de renda baixa englobando os demais Estados.

	1939	1951
Área A	53%	61%
Área B	22%	19,5%
Área C	24,8%	19,6%

Vemos pelo quadro acima acréscimo da participação da área A, de rendimentos altos, com prejuízo das áreas B e C. O fenômeno brasileiro reflete, em escala nacional o que se verifica no mundo, isto é, o enriquecimento cada vez maior dos países ricos, contrastando com o avanço apenas moderado, e às vezes até estagnado e empobrecimento das áreas retardadas.

Se a citação acima, expressando uma situação de anos atrás, pode trazer desânimo, há a compensação e certo entusiasmo de se, citando dados obtidos, podermos afirmar estar havendo atualmente melhor distribuição geográfica de capitais emitidos para instalação de novas indústrias no Brasil, conforme podemos verificar pelo quadro abaixo.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA DE CAPITAIS EMITIDOS

	1946-55	1956	1957	1958 (Jan a Jul)
São Paulo	65	49	48	25
Distrito Federal	20	24	18	14
Restante do País	15	27	34	61

A correção dos desníveis existentes no Brasil, para que este progrida como um todo, harmônicamente, e levando-se a todos os rincões o mesmo nível de vida e bem-estar social é um problema complexo e delicado. Segundo ainda Roberto de Oliveira Campos há duas soluções possíveis, que êle denomina teoria aristocrática e teoria humanista. A primeira determina que os investimentos de capitais sejam concentrados nas áreas de maior produtividade, para se obter um ritmo mais rápido de crescimento total de economia, para depois com os recursos obtidos elevar o restante do País ao nível obtido nas áreas melhores. A teoria humanista parte de um ponto de vista diferente, o de que o propósito do desenvolvimento econômico é a consecução do bem-estar e uma distribuição equitativa, entre a comunidade, dos frutos da produção. Com isto visa-se eliminar os desníveis existentes entre as áreas mais desenvolvidas e menos desenvolvidas.

Mato Grosso só poderá ser beneficiado à altura de suas necessidades, se fôr adotada a segunda teoria citada.

Cabe aqui a transcrição de parte do artigo do Ten-Cel João Baptista Peixoto, em "A Defesa Nacional" de Set/1955:

"Cêrca de 80% dos nossos meios de transportes estão localizados nas regiões Leste e Sul, onde se encontram as melhores rodovias ou principais eixos ferroviários, os maiores portos marítimos e os aeroportos mais movimentados. A região Leste é a zona dos minérios e a zona Sul o celeiro agrícola do País. Em conjunto, estas duas regiões abrigam quase a totalidade dos estabelecimentos fabris do Brasil (90%) e 79,04% da nossa população. Exatamente 85% dos atuais 326 Deputados Federais pertencem aos Estados destas duas regiões."

Após esta transcrição fazemos a pergunta: o que poderão fazer êstes 15% de Deputados Federais, e dentre êstes os representantes de Mato

Grosso, para conseguir que as atenções do Governo Federal para cá se dirijam, substituindo na maioria das vezes e completando algumas das vezes, a iniciativa particular, concedendo-lhe os financiamentos necessários à consecução de obras tão importantes para a satisfação de necessidades prementes do povo matogrossense? Há, é verdade, um estabelecimento capaz de tais financiamentos, que é o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, que anda assoberbado de pedido, entre os quais têm prioridade os de rentabilidade imediata e mais segura. Caímos no círculo vicioso, pois que se este BNDE adota a teoria aristocrática tão cedo Mato Grosso não contará com estes financiamentos. A sua densidade de população, muito fraca, da ordem de 0,42 habitantes por km², por outro lado acarreta dificuldades na obtenção do excesso da mão-de-obra em proveito da Indústria.

Podemos constatar pelos quadros abaixo publicados, que cêrca de 92% da distribuição das concessões de financiamento pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE) até 1957 foram destinadas às Regiões Sul e Leste, restando para a região Centro-Oeste (Goiás e Mato Grosso) a percentagem de 4,1%. É bem verdade que pelo mesmo quadro veremos que as regiões Sul e Leste pediam 92,2%, ao passo que o Centro-Oeste pediu somente 2,4%.

FINANCIAMENTO PELO BNDE — VALORES ATÉ 1957

	REGIÕES				
	Sul	Leste	Centro-Oeste	Norte	Nordeste
Distribuição das concessões de financiamento	44%	48%	4,1%	0,3%	3,6%
Distribuição dos pedidos de financiamentos	42%	50,2%	2,4%	1%	4,4%

2. Aspecto energético:

Os sistemas hidrelétricos exigem alto custo inicial de instalação, sendo que a limitação dos lucros a 10% do capital investido faz com que os capitais privados hoje se dirijam preferencialmente a outros tipos de indústrias, e atividades que proporcionam maiores lucros. Entretanto, antigamente os capitais privados preferiam investir em serviços básicos (transporte e energia) e hoje este ramo ficou afeto ao Estado. Tudo é o Estado... e isto exige grandes financiamentos de âmbito federal.

Na reunião de técnicos, dos Estados interessados na Bacia do Prata-Paraná, MT apresentou-se sem um planejamento adequado e surgiu, então, um anteprojeto baseado nos aproveitamentos acessíveis. A mesma idéia diretriz da CHESF foi adotada, isto é, "criar mercado pela antecipação do suprimento, para depois propiciar as condições de seu florescimento.

Os sistemas a serem realizados em MT são:

Sistema do Rio da Casca, em torno de Cuiabá, com aproveitamento na região da serra da Chapada. Pretende no 1º decênio obter 10.000 HP.

Sistema do Rio Amambá, com disponibilidade aproximada de 25.000 HP. Pretende aproveitar o Salto do Pirapó e uma 1ª fase servir às cidades de Ponta Porã, Amambá, Dourados e Bela Vista e na 2ª fase, de expansão, Rio Brilhante, Bataguassu e Nioaque. Prevê-se no futuro sua interligação com o sistema do Rio Pardo.

Sistema do Rio Pardo e afluentes. Pretende aproveitar as corredeiras do Mimoso a 120 km de Campo Grande e inicialmente vai operar com 2 grupos de 6.000 HP como unidade piloto. Há um crédito votado pelo Governo Federal nos fins de 1958 de Cr\$ 150.000.000,00 para atender parte das despesas. Vai ser possível sua interligação com o sistema do Urubupungá.

Sistema do Urubupungá. Há um convênio com o Estado de São Paulo, no qual MT receberá do referido sistema 80.000 kw e que terá um raio de ação de 500 km, indo até Coxim, Miranda e Amambá. Se há vantagens na execução dos 2 sistemas, do Rio Pardo e este, porque um abrirá caminho para a entrada do outro.

Sistema Termelétrico de Corumbá a ser realizado com geradores Diesel.

3. Quanto ao aspecto mão-de-obra, analisando-se os dados estatísticos sobre Mato Grosso, referentes ao ano de 1950 podemos verificar que a percentagem do pessoal empregado na agropecuária e atividades extrativas em relação à população do Estado era de 71,2%.

Podemos concluir não ser aconselhável reduzir a quota da população empregada nas atividades primárias, para obter excedentes que possibilitem a obtenção de mão-de-obra para as atividades secundárias.

Dada a fraca densidade demográfica de MT há que se recorrer à imigração e procurar receber elementos de outros Estados, o que reverterá em benefício para MT, que além do seu crescimento vegetativo, poderá contar com este acréscimo de população. Isto virá reduzir a fraca densidade populacional do Estado e possibilitar a mão-de-obra necessária à instalação de novas indústrias, principalmente mão-de-obra qualificada.

É preciso, entretanto, que se promova o melhor desenvolvimento da agricultura, usando a atual população rural do Estado e aproveitando-se as suas boas condições ecológicas para aumentar a produção, através da aquisição de implementos agrícolas para fornecimento aos agricultores, com crédito selecionado, isto para que MT possa atender às demandas de sua população, que abandonarem as atividades primárias (agricultura e mineração), em proveito das atividades secundárias (manufatureira) e terciárias (indústrias de serviços) ou dos elementos oriundos de outros Estados da União, atraídos pelo surto de industrialização, quando isto ocorrer. O Estado precisará recorrer à mão-de-obra especializada que só poderá ser conseguida nos centros mais industrializados do país.

4. Quanto ao aspecto matérias-primas, tivemos ocasião de ver nas páginas referentes à indústria as possibilidades que possui MT de incrementar sua indústria de bens de consumo. Avultará de importância a indústria de produtos alimentares se, com o surgimento de novas fontes de energia, agora em vias de se concretizar com a aprovação pelo Governo Federal de um crédito de Cr\$ 150.000.000,00 para as obras da Usina Hidrelétrica do Mimoso, forem iniciados vários frigoríficos no Estado. O desenvolvimento dessa indústria trará amplos benefícios ao Estado, aproveitando os grandes rebanhos existentes no mesmo, como também permitirá desafogar os transportes ferroviários e eliminar o oneroso transporte do gado a pé até os frigoríficos de S. Paulo.

Outra indústria que poderá ter maior desenvolvimento é a de laticínios, podendo, desde que melhorado seu rebanho leiteiro, industrializar o leite e exportar para os países vizinhos. As indústrias de mobiliário

e do vestuário poderão ter um desenvolvimento normal, diminuindo-se as importações de São Paulo.

A indústria do açúcar é outra que poderá ter grande desenvolvimento, passando-se a produzir aqui o açúcar refinado e o álcool em grande escala.

Quanto a indústria de bens de produção poder-se-á desenvolver mais a indústria siderúrgica de Corumbá, desde que se resolva o problema do carvão. É plano da Cia. aproveitar o retorno das chatas e vagões que levam minério para trazer o carvão necessário à sua ampliação. A indústria do cimento, dada a pequena capacidade do mercado local, que é de se presumir venha aumentar, tem que exportar ou mandar para São Paulo e está atualmente trabalhando aquém de sua capacidade.

5. VIAS DE TRANSPORTE

Outro entrave ao desenvolvimento das indústrias é o transporte, pois segundo opinião categorizada a EF Noroeste já não atendia em 1958 a mais de 55% do mercado de transporte. Este fato dificultará a distribuição dos produtos acabados, onerando-os com os altos fretes rodoviários ou com grande tempo de armazenagem à espera do transporte ferroviário.

O reaparelhamento da EFNOB, outra aspiração dos matogrossenses, importará na modernização de seus traçados, com empedramento dos leitos, substituição dos trilhos atuais por trilhos 37, o que permitirá o tráfego de locomotivas e composições mais pesadas e com maiores capacidades de carga. Posteriormente cuidar-se-á de eletrificar a estrada, porque assim se eliminará a contínua devastação de nossas matas. A atual falta de energia elétrica tem prejudicado o surgimento de novas indústrias e reduzido a produtividade dos existentes a um mínimo que não permite atender, como no caso da do mobiliário, a concorrência da indústria paulista, apesar das distâncias e fretes.

Atualmente, com a introdução das máquinas Diesel na EFNOB, em seu trecho até Campo Grande, houve melhoria muito grande em suas condições de transporte e hoje a estrada está concorrendo e obtendo vantagens sobre o transporte rodoviário. O transporte de gado em pé, que era em média de 24.000 por mês e está atualmente em 36.000.

6. Quanto ao mercado para as indústrias poderemos ter o mercado local, que com a industrialização, possibilitará à população urbana rendimentos mais altos e portanto maior poder aquisitivo e os abertos pelos países vizinhos. Corumbá e Campo Grande estarão, pelas suas respectivas posições, em condições de constituir centros industriais com possibilidades de exportação para o Paraguai e a Bolívia, trazendo-nos em troca o petróleo boliviano, das concessões brasileiras naquele país. A posição de Mato Grosso perante os mercados externos é bastante significativa, permitindo conceber uma melhor contribuição futura para a produção econômica do país, com a obtenção de cambiais pela exportação. Mato Grosso já exporta erva-mate para a Bacia do Prata e cimento para o Paraguai e Bolívia.